
Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil

*Sexual Education for teachers: formulary to
evaluate the acquisition of knowledge about
children's sexuality*

*Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Mariana de Oliveira Farias
Bruna Aguiar Pacini
Luiz Carlos Francisco Júnior
Roberta Maria Carvalho de Freitas*

RESUMO

A literatura enfatiza a necessidade da capacitação de professores sobre sexualidade para que eles possam orientar seus alunos na escola, no entanto, em geral, não há descrições sobre a avaliação desses cursos. O objetivo deste estudo foi elaborar e testar um formulário, verificando a aquisição ou não de informações entre professores que receberam um curso de sexualidade infantil e orientação sexual. Dezenove professores, de ambos os gêneros, responderam a um formulário contendo 30 questões fechadas antes e depois de participarem de um curso. Os dados sugerem que o formulário, apesar dos limites de generalização, foi capaz de registrar aumento do conhecimento dos professores em relação ao tema, com uma variação positiva no número de questões corretas e poderia ser utilizado por outros profissionais com algumas modificações. Novos estudos poderiam contribuir para assegurar

Recebido em 03/08/2006

um modo de avaliar a eficácia de cursos de formação e o registro do conhecimento sobre sexualidade na infância.

PALAVRAS-CHAVE: educação sexual; orientação sexual; sexualidade infantil; formação de professores

ABSTRACT

Literature emphasizes the necessity of teacher's qualification on sexuality so that they can offer orientation to their students in the school, however, in general, does not have descriptions about the evaluation of these courses. The aim of this study was to elaborate and test a form, verifying the acquisition or not of information between teachers who had received a course about children's sexuality and sexual education. Nineteen teachers, of both sex, had answered to the form with 30 closed questions, before and after a course. The data suggest that the form, although the limits of generalization, was able to register the increase of teacher's knowledge in the subject, with a positive variation in the number of correct questions and could be used by other professionals with some modifications. New studies could contribute to assure a way to evaluate the effectiveness of courses and the register of the knowledge on children's sexuality.

KEY WORDS: sexual education; children's sexuality; teacher's formation

INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade está em debate em diferentes contextos. Porém, uma instituição específica tem sido privilegiada como um espaço propício para o ensino da sexualidade: a escola (CHAUÍ, 1985; EGYTPO, 2003; FAGUNDES, 1993; FIGUEIRÓ, 1997; GOLDBERG, 1988; GUIMARÃES, 1992; GUIMARÃES, 1995; HENDERSON et al., 2006; MAIA, 2004; PINTO, 1999; RIBEIRO, 1990; SAYÃO, 1997; TONATTO; SAPIRO, 2002).

Na década de 90, o governo brasileiro apresentou prerrogativas legais que incentivaram o ensino da sexualidade como

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Claudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

um tema transversal entre outras disciplinas acadêmicas, a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propostos pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC) (BRASIL, 1997). No entanto, ainda são incipientes as propostas de orientação sexual na maioria das escolas brasileiras.

Além disso, a mera existência dos PCNs não garante que o professor tenha formação na área para desenvolver de fato uma discussão adequada sobre sexualidade. Muitos professores têm dificuldades em orientar os alunos seja por razões pessoais, ou por falta de formação específica na área da sexualidade, seja, ainda, por falta de orientação e recursos metodológicos que permitam compreender como realizar essa orientação adequadamente (MAIA, 2001; 2003; NUNES; SILVA, 2000; SILVA, 2002; TONATTO; SAPIRO, 2002).

Mota (1996) lembra que pais e professores têm dificuldades para dialogar sobre sexualidade com seus filhos e alunos e defende que, em primeira instância, quem necessita de educação sexual na escola são os próprios professores. Neste sentido, autores como Fagundes (1993), Guimarães (1992), Guimarães (1995), Nunes e Silva (2000), Sacadura (1996), Ribeiro (1990) e Santos e Bruns (2000) têm defendido a formação continuada dos professores nesta temática para que eles possam se preparar de modo adequado e com respaldo teórico para assumir a tarefa de orientação sexual na escola.

A literatura tem enfatizado a necessidade do investimento em formação de educadores, descrevendo processos de orientação sexual voltados ao educador, isto é, professores que recebem informações sobre sexualidade para estar mais preparados na tarefa de orientar seus alunos na escola (ALVES; OLIVEIRA, 2004; GELAKE; WIGGERS, 2006; CONCEIÇÃO et al., 2001; SACADURA, 1996; SILVA et al., 2006; MOTA, 1996). Teixeira Filho, Santis e Silva (2003) e Douglas et al. (2001) têm ressaltado a importância de profissionais da saúde e da educação investirem na formação de quem irá atuar na orientação sexual de crianças e adolescentes.

Segundo Ahmed et al. (2006), os resultados positivos de um programa de orientação sexual na escola dependem do auxílio dos professores, sobretudo quando eles recebem uma formação adequada. Segundo os autores, a formação continuada de professores por meio de treinamento especializado e efetivo, deveria “qualificá-los com conhecimentos e habilidades de modo que efetivamente ensinem uma ampla extensão de tópicos”. Os autores dizem, ainda, ser essencial para o desenvolvimento de um projeto em orientação sexual na escola levar em conta as resistências

do professor ao falar sobre sexualidade, bem como discutir amplamente sobre suas crenças e sobre os valores sociais vigentes.

Reis e Vilar (2004) investigaram as atitudes de professores relativas à educação sexual nas escolas, avaliando o grau de conhecimento sobre o assunto, conforto em falar sobre isso e sua religiosidade. Por meio de questionários e escalas de valores os autores concluíram que os professores reconhecem a importância do tema e têm uma atitude favorável em implementar uma proposta de orientação sexual na escola.

Algumas iniciativas de formação continuada citam cursos oferecidos para professores da educação infantil e das séries iniciais, por meio de debates e oficinas, para que eles reflitam sua prática educativa e possam atuar na orientação sexual de seus alunos (AHMED et al., 2006; GELAKE; WIGGERS, 2006; CONCEIÇÃO et al., 2001; SILVA; MOLON; ANÇA; ALVES, 2006).

Ahmed et al. (2006) citam que tais cursos podem ser avaliados por meio de questionários. Os autores descreveram um programa de formação de professores para trabalhar com orientação sexual de jovens e sugeriram a aplicação de um questionário nos diferentes momentos desses professores: na fase anterior e na posterior ao treinamento, investigando dados demográficos, expectativas sobre o curso, crenças e valores sobre a sexualidade dos alunos, confortos, desconfortos e habilidades necessárias para discutir educação sexual com os jovens, além de aspectos do curso que seriam favoráveis para a futura atuação com os alunos. Uma outra fase do treinamento também deveria ser avaliada: quando os professores estavam aplicando os conhecimentos do curso com a orientação de seus alunos. Nesta avaliação, deveria ser investigada a experiência do professor em orientar seus alunos e utilização dos conhecimentos adquiridos e/ou possíveis lacunas do treinamento.

As publicações sobre esses cursos são interessantes para divulgar as possibilidades e os limites em se operacionalizar procedimentos de ensino que contribuam na formação em sexualidade do educador. Poucos estudos, como o dos autores anteriores, descrevem procedimentos de avaliação do aproveitamento do curso, ou, pelo menos, algum registro sobre como os professores aumentaram seus conhecimentos sobre o tema da sexualidade.

A partir desse questionamento, propusemo-nos a elaborar um tipo de instrumento que pudesse fazer o registro de aquisição ou não de informações no repertório de professores expostos a um curso sobre sexualidade, no caso sobre sexualidade na infância e orientação sexual na escola.

MAIA, Ana Cláudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Cláudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

O objetivo deste estudo foi elaborar e testar um instrumento de registro de respostas e verificar se, por meio dele, é possível observar a aquisição ou não de informações sobre sexualidade entre professores que receberam um curso sobre o tema. Almeja-se com isso colaborar na área e divulgar uma ferramenta a mais para que outros profissionais possam utilizá-la na avaliação de repertórios de educadores, em cursos de formação continuada.

MÉTODOS

Participantes

Participaram 19 professores que atuavam no ensino infantil e/ou ensino fundamental. Todos os professores estavam lotados na mesma instituição escolar, de natureza privada, localizada numa cidade do interior paulista. Dezesete professores eram do gênero feminino e dois, masculino. A idade dos participantes variava entre 19 anos e 58 anos.

Material

O instrumento a ser testado baseou-se no modo de delineamento em pesquisa experimental, com medida pré e pós (CAMPOS, 2000; COZBY, 2003). O procedimento de elaboração do instrumento baseou-se em Kidder et al. (1987). Tal instrumento consistiu em um Formulário de Registro de Informações sobre Sexualidade Infantil e Orientação Sexual, que denominamos “FRISIOR” .

PROCEDIMENTO

Seleção dos Participantes

A seleção dos participantes ocorreu pela disponibilidade e pelo interesse voluntário dos mesmos. Havia uma demanda da escola para receber cursos de orientação sobre sexualidade e todos os professores da escola (31 no total) que trabalhavam com a educação infantil e/ou com o ensino fundamental foram convidados a participar.

O projeto de pesquisa foi apresentado a partir de uma descrição geral de seus objetivos e procedimentos: participar de um curso sobre “*Sexualidade na Infância e Orientação Sexual*” e responder a um formulário em dois momentos do projeto. Optamos por delimitar o tema na sexualidade infantil para diminuir a amplitude do tema a ser tratado e, também, de modo que o formulário não se configurasse com uma extensão demasiada e, finalmente, para que o curso oferecido fosse concentrado, uma vez que não havia disponibilidade dos professores para um extenso curso de formação com carga horária elevada.

Dezenove professores aceitaram participar de modo voluntário da pesquisa e assinaram um termo de consentimento. Tais cuidados visaram preservar os participantes, adotando as devidas providências éticas na pesquisa com seres humanos. Além disso, esta pesquisa só foi realizada após parecer favorável da Comissão de Ética local.

Coleta de Dados

Elaboração do Formulário de Registro de Informações sobre Sexualidade Infantil e Orientação Sexual (FRISIOR)

O formulário continha 30 questões, distribuídas em quatro conjuntos temáticos. Os conjuntos temáticos foram elaborados a partir da revisão da literatura na área sobre Educação e Desenvolvimento Sexual na Infância e cada questão foi redigida com sustentação teórica. Também foram distribuídas seguindo um grau de relevância, concentrando a maior parte delas sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância. Os conjuntos temáticos e as questões correspondentes no questionário foram os seguintes:

1. Conceito de sexo e sexualidade (4 questões): (3), (6), (10) e (24)
 2. Conceito de Educação e Repressão Sexual (6 questões): (2), (4), (5), (11), (13) e (20)
 - 3) Desenvolvimento da Sexualidade na Infância (14 questões): (7), (8), (9), (12), (14), (15), (16), (17), (18), (21), (23), (27), (28) e (29)
 - 4) O Papel do Professor no ensino da sexualidade (6 questões): (1), (19), (22), (25), (26) e (30)
- Para cada conjunto temático havia um número de questões cujas

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Claudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

respostas corretas foram igualmente distribuídas como “falsas” e “verdadeiras”. No total das 30 questões, 15 eram consideradas falsas e as outras 15 verdadeiras. Para cada afirmação, estavam previstas três alternativas de respostas: “sim”, “não” e “não sei”.

Após a elaboração das afirmações, estas foram sorteadas a fim de que se apresentassem de forma aleatória no formulário. A primeira versão desse formulário foi testada em sua funcionalidade, pelos pesquisadores, junto a três sujeitos semelhantes aos da amostra e após esta etapa é que se concretizou a versão final das questões contendo, portanto, aperfeiçoamentos necessários em relação ao modelo inicialmente elaborado. O instrumento chamado de Formulário deveria ser o mesmo a ser aplicado antes do curso (pré-teste) e ao final do curso, como (pós-teste).

As 30 questões do formulário, com as respectivas respostas esperadas, foram:

- 1.(V) A Escola como um todo deve encarar a questão da sexualidade e preparar professores para essa função.
- 2.(F) Uma pessoa muito religiosa nunca será um educador sexual.
- 3.(F) Existem crianças que desenvolvem, precocemente, a sua sexualidade.
- 4.(V) Assuntos que envolvem a sexualidade podem ser trabalhados desde o maternal.
- 5.(F) Repressão sexual indica somente ações que proíbem a manifestação da sexualidade das pessoas.
- 6.(F) Sexualidade e sexo são sinônimos.
- 7.(V) Crianças não devem presenciar cenas de sexo explícito para não prejudicar seu desenvolvimento emocional.
- 8.(F) Meninos que desejam usar batom e brincar de boneca são crianças homossexuais.
- 9.(F) Deve-se evitar falar sobre sexualidade para as crianças menores que três anos de idade.
- 10.(V) Bebês já expressam sexualidade.
- 11.(F) Hoje em dia predomina a liberdade sexual e a libertinagem, e não há mais a influência da repressão sexual.
- 12.(V) Os programas infantis na televisão também podem influenciar e explorar a sexualidade das crianças.
- 13.(V) A maioria das pessoas tem preconceitos em relação à sexualidade dos outros.
- 14.(V) É comum que as crianças, a partir dos três anos de idade, toquem sua genitália e descubram o prazer da masturbação.
- 15.(V) Brincadeiras sexuais entre crianças não devem ser

evitadas, nem reprimidas, só esclarecidas.

16.(V) Por volta dos três anos as crianças são capazes de identificar as diferenças corporais e sociais entre os gêneros (masculino e feminino).

17.(V) Pode-se conversar com crianças sobre todos os assuntos de sexualidade, adequando-o ao seu nível de compreensão e linguagem.

18.(F) Falar sobre sexualidade com crianças pode estimular o surgimento de sua sexualidade.

19.(F) Eu não posso falar sobre sexualidade com meus alunos porque os seus pais podem proibir a escola de tratar a sexualidade.

20.(V) Educação sexual é um processo que ocorre desde o nascimento até a nossa morte.

21.(F) Não caracteriza abuso sexual uma relação sexual entre um adulto e uma criança, na qual a criança sente prazer (consente e relata gostar da atividade).

22.(V) Se eu não tiver preparo para lidar com a sexualidade dos meus alunos devo buscar informações e orientações com outros profissionais para educá-los nessa área também.

23.(F) É preciso proibir as brincadeiras íntimas entre meninas e meninos, quando crianças, para não comprometer sua sexualidade na vida adulta.

24.(V) A sexualidade é um processo que sofre influência dos aspectos biológicos, psicológicos e culturais.

25.(F) Os pais não devem saber que a escola oferece orientação sexual aos alunos para não interferirem.

26.(V) Eu devo esclarecer de forma ética e respeitosa as dúvidas sobre sexualidade dos meus alunos, independentemente das explicações que os familiares oferecem a eles.

27.(F) A maneira como educamos as crianças pode torná-las homossexuais.

28.(V) Quando a masturbação entre crianças pré-escolares for percebida por adultos, as crianças devem receber orientações e não punições.

29.(F) É um problema quando meninos interagem, preferencialmente, com meninas e não com outros meninos.

30.(F) Eu devo explicar sobre sexualidade aos meus alunos da mesma maneira como explicaria aos meus filhos.

MAIA, Ana Cláudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Cláudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

Aplicação e análise do Formulário de Registro de Informações sobre sexualidade infantil e orientação sexual (FRISIOR).

Para testar o formulário elaborado, oferecemos um curso sobre “*Sexualidade na Infância e Orientação Sexual*” para os professores de uma escola de educação infantil e ensino fundamental.

Para esclarecimentos adicionais, informamos que este curso se baseou em ações planejadas, teóricas e práticas, visando proporcionar aos professores um espaço para debaterem o tema, conhecerem os aspectos do desenvolvimento sexual infantil e refletirem sobre o papel do educador em relação à sexualidade dos alunos na escola. O curso foi planejado a partir da experiência dos autores em atividades de intervenção junto a outras instituições e para cada conteúdo do curso havia estratégias de ensino que priorizavam a discussão em grupo, a participação em dinâmicas e a reflexão sobre as informações apresentadas.

O curso oferecido não será foco neste artigo, uma vez que o objetivo apresentado é avaliar a eficácia do *Formulário de Registro de Informações sobre Sexualidade Infantil e Orientação Sexual* (FRISIOR) elaborado, embora, a partir do formulário, ser possível avaliar se o curso foi ou não proveitoso para os professores.

A aplicação do FRISIOR ocorreu na mesma escola em que os participantes lecionavam, numa sala reservada. Antes do curso, em um dia previamente agendado, os professores foram reunidos em uma sala ampla e cada participante recebeu o formulário para ser preenchido individualmente.

Havia instruções gerais sobre o preenchimento do mesmo que foram lidas em voz alta para todos os participantes: (a) responder, individualmente, após a leitura dos pesquisadores de cada afirmação; (b) assinalar, no protocolo, para cada afirmação, se as consideram: “falsa” ou “verdadeira” ou ainda, em caso de desconhecimento, a alternativa “não sei”. Assinalar somente quando tiver certeza da resposta. Não será admitida a troca de protocolos ou o diálogo entre os participantes.

Em seguida, as 30 questões foram lidas, uma a uma, em voz alta e de maneira pausada para que os participantes assinalassem as respostas correspondentes às questões em seu formulário individual. Exemplo do protocolo de respostas do formulário:

Questão 1. () falso; () verdadeiro; () não sei.

Ao final, todos os formulários preenchidos foram recolhidos e arquivados com um número de identificação. Essa etapa

caracterizou o pré-teste. O mesmo formulário foi aplicado, de mesmo modo, ao término do curso, aos professores que frequentaram sem faltas, todo o período do curso. Essa etapa caracterizou o pós-teste. Nas duas situações, pré e pós-teste, a aplicação do FRISIOR teve duração de 20 a 30 minutos.

As respostas dos participantes no pré e pós-teste foram avaliadas em relação ao número de acertos, enfatizando a análise quantitativa dos dados. Procurou-se comparar o número de acertos do grupo no formulário pré-teste e no formulário pós-teste, além de observar o desempenho individual, antes e depois do curso.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

RESULTADOS

Avaliação do número de acertos obtidos no pré-teste e no pós-teste

Uma vez que tanto o pré-teste como o pós-teste foram constituídos de 30 questões, os resultados foram analisados em função do número de acertos, considerando o total de acerto possível, isto é, 30 pontos. A média de acerto do grupo de professores no pré-teste foi de 17,1 pontos e no pós-teste de 24,4 pontos. É possível perceber que houve uma variação positiva de 7,36 pontos na média do grupo, depois do curso.

A Figura 1 ilustra a pontuação de todos os participantes no pré e no pós-teste, e a variabilidade de desempenho entre os 19 participantes. Os professores P7, P15 e P13 obtiveram os menores pontos no pré-teste: 12, 12 e 13 pontos, respectivamente. No pós-teste, seus pontos foram: 26, 26 e 23 pontos, respectivamente, o que

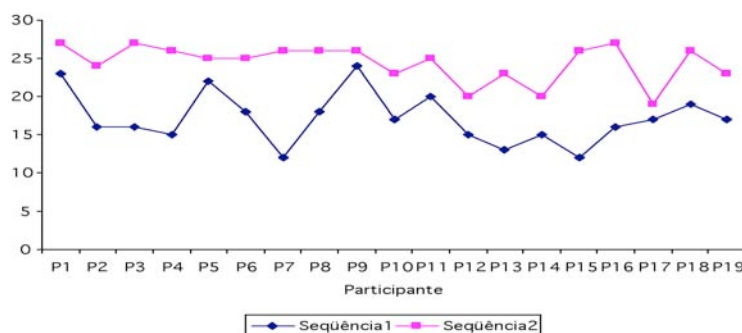


Figura 1 - Número de acerto no pré e no pós-teste para todos os participantes. A Seqüência 1, em linha contínua, representa o pré-teste. A Seqüência 2, em linha tracejada, representa o pós-teste.

MAIA, Ana Claudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

representa um resultado alto para o pós-teste. Isto indica que, particularmente para esses participantes, houve uma grande diferença no desempenho pré e pós-teste, expresso no formulário de registro de respostas.

Os professores P11, P5, P1 e P9 obtiveram os maiores pontos no pré-teste: 20, 22, 23 e 25, respectivamente. No pós-teste, estes pontos foram: 25, 25, 27 e 26, respectivamente, nessa sequência. Embora tenham aumentado seus pontos, considerando que já tinham um conhecimento prévio significativo (mais que 50%), seus pontos no pós-teste poderiam ter sido ainda maiores.

Os participantes que obtiveram os menores índices de pontuação no pós-teste foram: P17 (19 pontos), P12 (20 pontos) e P14 (20 pontos) e seus pontos no pré-teste também foram baixos: 17, 15 e 15 pontos, respectivamente. Os participantes que obtiveram os maiores índices de pontuação no pós-teste foram: P1, P3 e P16. Os três professores obtiveram 27 pontos, o que correspondeu a 90% de acerto. Os demais participantes obtiveram no pré-teste pontuações entre 50% (15 pontos) e 63,3% (19 pontos) e no pós-teste pontuações entre 76,6% (23 pontos) e 86,7% (26 pontos).

Ainda analisando os dados individuais dos professores, na Tabela 1 há o desempenho no pré e no pós-teste para todos os participantes, salientando o índice de variação, isto é, qual foi a variação de pontos entre a primeira e a segunda avaliação, após o curso. Em relação à variação de pontos, os professores P1, P5, P9 e P17 obtiveram a menor variação de pontos, +4, +3, +2 e +2, respectivamente. Ainda que esses professores mostrassem aumento de respostas corretas no desempenho, a variação de pontos foi muito pequena (menos de 5 pontos).

Seis professores obtiveram variações a partir dos dez pontos. P13 obteve variação de +10 pontos. P3, P4 e P16 uma variação de +11 pontos e P7 e P15 uma variação de +14 pontos, sendo estas últimas as maiores variações de todo o grupo. Os demais professores variaram entre +5 e +8 pontos. Todos, entretanto, mostraram variação positiva entre as suas aplicações do formulário.

AVALIAÇÃO DO INSTRUMENTO FORMULÁRIO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE INFANTIL E ORIENTAÇÃO SEXUAL (FRISIOR)

Alguns indícios nos fazem crer que os professores que participaram da aplicação do formulário mostraram compreensão e

clareza sobre as questões/afirmações. Em nenhum momento, os professores pediram que repetissem a leitura de alguma frase e também, em nenhum caso, houve alguma resposta em branco.

Tabela 1 - Desempenho de todos os participantes no pré e pós-teste, com a indicação da variação de pontos entre o pré e o pós-teste.

Professores	Número de acerto no Pré-teste	Número de acerto no Pós-teste	Varição de pontos
P1	23	27	+4
P2	16	24	+8
P3	16	27	+11
P4	15	26	+11
P5	22	25	+3
P6	18	25	+7
P7	12	26	+14
P8	18	26	+8
P9	24	26	+2
P10	17	23	+6
P11	20	25	+5
P12	15	20	+5
P13	13	23	+10
P14	15	20	+5
P15	12	26	+14
P16	16	27	+11
P17	17	19	+2
P18	19	26	+7
P19	17	23	+6
Somatório	325	464	+139

Os professores responderam rapidamente o formulário. Alguns professores ressaltaram que o mesmo tinha apresentação de fácil entendimento, visibilidade clara de onde e como responder e, ainda, que ele não era extenso.

O fato de o registro de questões corretas ter aumentado após o curso sugere que este possa ter sido proveitoso e eficaz e, além disso, que as informações adquiridas foram registradas no formulário. Vale lembrar que não houve, em nenhum caso, respostas corretas no pré-teste e erradas no pós-teste, embora tenha havido questões erradas no pré e pós-teste.

No caso das respostas ainda incorretas no pós-teste, é importante comentar que as questões foram comuns entre os participantes, referindo-se, especialmente àquelas sobre “Conceito de Educação e Repressão Sexual”. Nossas hipóteses para esse dado são que, por um lado, o modo como essas questões em especial foram apresentadas poderia gerar ambiguidade e difícil entendimento; por outro lado, que essas questões diziam respeito a temas que demandariam maior discussão e reflexão.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Claudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

Algumas dificuldades foram registradas na elaboração do formulário, pois os conteúdos, por demais complexos, deveriam ser apresentados em afirmações simples e diretas, para manter o padrão do formulário e várias afirmações foram testadas exaustivamente, antes da versão final do instrumento, embora algumas questões, ainda, tenham se mostrado confusas.

A despeito da dificuldade na sistematização das afirmações para serem incluídas no formulário e possíveis inadequações que ainda permaneceram em algumas delas, os dados coletados na versão final do formulário, pré e pós curso, indicaram que os professores, quando têm informações sobre o assunto, respondem corretamente sobre algumas questões que antes pareciam equivocadas ou desconhecidas.

DISCUSSÃO

A necessidade de capacitação de professores em diferentes temas da educação, inclusive o da sexualidade, tem sido incentivada por muitos autores, como Ahmed et al. (2006), Fagundes (1993), Henderson et al. (2006), Nunes e Silva (2000), Ribeiro (1990), Maia (2003) e Santos e Bruns (2000). Ahmed et al. (2006) também enfatizam a necessidade de avaliação dos treinamentos oferecidos a professores na área de orientação sexual.

Destaca-se que o formulário utilizado neste estudo registrou o aumento de respostas corretas entre os professores sobre o tema abordado no curso - A sexualidade na infância e orientação sexual; pois para todos houve aumento no número de acertos do pré para o pós-teste. Altmann (2003) descreveu um estudo utilizando um instrumento similar, contendo 27 questões objetivas com respostas tipo *V* e *F* para verificar entre adolescentes diferenças de conhecimento sobre sexualidade e drogas antes e depois de um curso e também obteve índices de acertos maiores na segunda avaliação para a maioria dos participantes.

Tanto os professores que obtiveram pontuações baixas e altas no pré-teste obtiveram uma variação positiva de pontos no pós-teste, especialmente nas questões mais específicas sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância. Neste sentido, considera-se a possibilidade de que eles tenham aumentado seus conhecimentos sobre sexualidade após o curso. Alves e Oliveira (2004), Gelake e Wiggers (2006), Conceição et al. (2001), Silva et al. (2006), Mota (1996), Teixeira Filho, Santis e Silva (2003), Douglas,

et al. (2001) nos lembram que os professores serão beneficiados se receberem formação e esclarecimentos para relacionarem a teoria à sua prática cotidiana.

Neste estudo, o foco foi apresentar o formulário elaborado utilizado em um curso de formação continuada para professores sobre sexualidade e, portanto, é preciso considerar alguns limites a respeito desse instrumento, que poderiam ser aperfeiçoados.

Em primeiro lugar, as questões poderiam explorar outros conteúdos e que o instrumento, para ser mais completo, poderia ser mais extenso e amplo. Em segundo lugar, no caso de uma futura aplicação do instrumento, as afirmações sobre o conceito de educação e repressão sexual precisariam ser reformuladas ou o tema específico deveria ser incorporado nos segmentos subjacentes à sexualidade infantil. A leitura da educação sexual repressiva, postulada por Foucault (1988), da repressão sexual como um conceito discutido em Freud (1989) e Marcuse (1968), por exemplo, provavelmente exigiu um amadurecimento teórico dos professores que o curso não foi capaz de proporcionar ou que as questões do formulário sobre o assunto não foram objetivas o bastante para sumarizar a discussão exigida pela temática.

Aspectos metodológicos também indicam limites na generalização do formulário: foram poucos os participantes, não houve grupo controle e também a comparação de número de acertos pré e pós não se baseou em cálculos estatísticos (CAMPOS, 2000; COZBY, 2003; SPATA, 2005). Da mesma forma, Sarriera, Câmara e Berlim (2000) enfatizaram limites em seu instrumento de avaliação por reconhecerem não haver grupo controle nem uma amostra expressiva, mas ainda assim, argumentam favoravelmente ao instrumento utilizado.

Concluimos que os dados obtidos sugerem que o instrumento foi capaz de mostrar a aquisição de informações sobre sexualidade e poderia ser utilizado por outros profissionais, com seus aperfeiçoamentos necessários, ainda que essa conclusão seja limitada à pequena amostra deste estudo e não possa ser generalizada.

Novos estudos poderiam aprofundar a questão avaliando também por instrumentos de registros como questionários, formulários e entrevistas, o modo como os professores lidam com os assuntos abordados em um curso, no cotidiano de suas atividades em sala de aula, ou seja, quais as habilidades proporcionadas pela experiência da formação continuada, quais os conhecimentos adquiridos no curso e quais as deficiências, tal como propuseram os autores Ahmed et al. (2006).

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Claudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

Estudos sobre a educação sexual aliada à formação de professores são contribuições que podem enriquecer a atuação de professores na área da orientação sexual na escola favorecendo uma relação em que todos se beneficiariam: os professores que estariam preparados e os alunos que seriam bem orientados sobre a sexualidade.

REFERÊNCIAS

- AHMED, N. et al. Process evaluation of the teacher training for an AIDS prevention programme, v. 21, n. 5, Jun. 2006. Disponível em: <<http://her.oxfordjournals.org/cgi/content/full/21/5/621>>. Acesso: 18 mar. 2008.
- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Imagens de escolas: espaçostempos de diferenças no cotidiano. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 25, n.86, 2004.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e de gênero. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), Campinas, v. 21, p. 281-315, 2003.
- BRASIL/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC, SEF, 1997. v. 10.
- CAMPOS, L. F. L. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia*. Campinas: Alínea, 2000.
- CONCEIÇÃO, J. A. N. et al. Projeto de vida e sexualidade: fundamentos para a educação sexual nas escolas. *Revista Paulista de Pediatria*. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 26-31, mar. 2001.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COZBY, P. C. *Métodos de Pesquisa em Ciência do Comportamento*. Tradução de Paula Inez Cunha Gomide e Emma Otta. São Paulo: Atlas, 2003.
- DOUGLAS, N. et al. The Role of External Professionals in Education about Sexual Orientation - towards good practice. *Sex Education*, v. 1, n. 2, p. 149-162, 2001.
- EGYPTO, A. C. (Org.). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- FAGUNDES, T. C. P. C. Educação Sexual e Formação do Professor - Necessidade e Viabilidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 7, p. 154-163, 1993.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: qual o profissional

designado para esta tarefa?. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 8, n. 2, p. 270-276, 1997.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. v. 1: A vontade de saber. São Paulo: Graal, 1988.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GELAKE, D. M.; WIGGERS, I. D. Infância e Formação de Educadores. *Revista Eletrônica de Extensão*, v. 3, n. 4, p. 1-17, 2006.

GOLDBERG, M. A. A. *Educação sexual: uma proposta, um desafio*. São Paulo: Cortez, 1988.

GUIMARÃES, C. R. P. *O descaso em relação à educação sexual na escola: estudo de manifestações de futuras professoras de 1ª a 4ª série do 1º grau*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1992.

GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

HENDERSON, M. et. al. *Impact of a theoretically based sex education programme (SHARE) delivered by teachers on NHS registered conceptions and terminations: final results of cluster randomised trial*. 2006. Disponível em: <<http://www.bmj.com/cgi/content/full/334/7585/133>>. Acesso em: 18 mar. 2008.

KIDDER, L. H. et al. *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. v. 2. Medidas na Pesquisa Social. São Paulo: EPU, 1987.

MAIA, A. C. B. Sexualidade: reflexões sobre um conceito amplo. *Sbnp: Scientific Journal*, v. 5, n. 1, p. 45-48, 2001.

MAIA, A. C. B. *Sexualidade e Deficiência no Contexto Escolar*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, p.153-179, 2004.

MARCUSE, H. *Eros e civilização – uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MOTA, M. V. S. A Sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. v. 7, p. 181-190, 1996. (Edição Especial)

NUNES, C.; SILVA, E. *A Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al. Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

MAIA, Ana Claudia
Bortolozzi et al.
Orientação Sexual
para professores:
formulário para
avaliar a aquisição
de conhecimento
sobre sexualidade
infantil. *Mimesis*,
Bauru,
v. 27, n. 2,
p. 107-123, 2006.

PINTO, E. B. *Orientação sexual: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo: Gente, 1999.

REIS, M. H.; VILAR, D. A implementação da educação sexual na escola: atitudes de professores. *Revista Análise Psicológica*, v. XXII, p.737-745, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. *Educação Sexual: além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

SACADURA, S. P. Orientação Sexual: e agora professor?. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 7, p.169-180, 1996. (Educação Sexual 2).

SARRIERA, J. C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Elaboração, Desenvolvimento e Avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 189-198, 2000.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. *A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica*. São Paulo: Omega, 2000.

SAYÃO, R. *Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários*. In: Aquino J. G. (Org.). *Sexualidade na escola*. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117.

SILVA, M. P. *O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade entre professoras do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2002.

SILVA, D. M. et al. Oficinas de formação continuada: reflexões sobre o corpo na constituição do ser professor. *UNIREVISTA (UNISINOS. OnLine)*, v. 1, n. 2, p. 1-9, 2006.

SPATA, A. V. *Métodos de Pesquisa – Ciências do Comportamento e Diversidade Humana*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

TEIXEIRA FILHO, F. S. et al. Corpo, afecto e sexualidades: Capacitando professores para o trabalho com a Educação Sexual nas escolas. *Núcleos de Ensino*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 227-234, 2003.

TONATTO, S. E.; SAPIRO, C. M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: Uma proposta de intervenção em ciências. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 163-175, jul./dez. 2002.